

Parte terceira – Das Leis Morais

Capítulo XI – Lei de justiça, de amor e de caridade.

Item 1. Justiça e direitos naturais

873. O sentimento da justiça está em a natureza, ou é resultado de ideias adquiridas?

R. “Está de tal modo em a natureza, que vos revoltais à simples idéia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. Daí vem que, freqüentemente, em homens simples e incultos se vos deparam noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber.”

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0873).

Livro 18

Capítulo 873 – Sentimento da justiça

0873 LE

A justiça se encontra nas leis da natureza, onde ela se expressa com maior fulgor, no entanto, pode ser e é copiada pela sensibilidade humana.

Todo o ser humano sente o impulso de revolta ao deparar com uma injustiça, seja com criaturas humanas, com animais, ou mesmo em se agredindo a natureza. Toda e qualquer violência, em qualquer parte, causa revolta. Por que isso ocorre? é que a justiça se encontra irradiando onde se pode colocar a ponta de um alfinete quase invisível aos olhos humanos.

Entrementes, as paixões dos seres pode empanar certos sentimentos de justiça pela força da ignorância, de maneira que ela não flui da consciência para a razão, mas nunca deixa de se esforçar para atender aos urgentes casos do coração e da fé.

Sabemos que o progresso moral desenvolve o sentimento de justiça, entretanto não o dá. Não é ele a sua sublime fonte, no avanço da educação e da disciplina. A lei de justiça está vibrando no centro da sensibilidade da consciência, semente divina, na sua divina expressão, colocada por Deus no energismo da vida.

Entre os animais e os Espíritos primitivos a justiça se manifesta pelo instinto e pela intuição, enquanto, por vezes, ela falha nos doutos, devido a razão e o interesse pessoal invadirem à área do coração, criando distúrbios na personalidade humana.

O trabalho grandioso dos grandes profetas que vieram antes de Jesus, e dos sábios em todo o mundo, foi pregar a justiça, limpando as veredas e ampliando meios para que pudesse descer até nós o amor trazido por Jesus.

O sentimento de justiça não é adquirido no percurso das eras, mas, sim, estimulado pelo progresso e o despertar dos Espíritos em ascensão para a Vida Maior. Tudo vem de Deus para a Terra e passa pelos processos que Jesus estabeleceu. Ele, o Mestre dos mestres, é, pois, o Pastor do rebanho terrestre, de cujas mãos despertamos para a vida racional. Os nossos olhos deverão ser abertos pelas mãos sábias do Cristo, que devemos encontrar dentro de nós, trabalhando a nossa própria vida.

Busquemos em João mais segurança, no capítulo nove, versículo dez, que diz:

Perguntaram-lhe, pois:

Como te foram abertos os olhos?

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valemos pelo que fazemos.

E aquele que havia sido cego apontou logo o instrumento de Deus no exercício da caridade, para mostrar como convém olhar as coisas, sem deixar de ensinar os preceitos divinos, para estabelecer a harmonia no coração daquele que não enxergava. A Doutrina Espírita vem como o Consolador Prometido, abrir igualmente os olhos dos homens, de modo que eles possam ver com mais clareza a vida e conhecerem a si mesmos, conscientes dos caminhos a percorrer.

Verdadeiramente, a justiça faz parte de todas as virtudes acionadas por Deus, em todos os ângulos da criação.

Justiça é paz,
Justiça é amor,
Justiça é luz,
Justiça é dor.

Devemos ampliar a justiça dentro e fora de nós, não somente entre os seres humanos, pois ela cabe em toda a nossa vida. Não podemos deixar lugar para o egoísmo. Bem sabemos que se trabalharmos só com uma mão, a outra se atrofiará; se andarmos somente com uma perna, a outra esquecerá sua função; se olharmos só com um olho, o outro passará a apagar-se; se fizermos economia de um ouvido, o outro perderá a sua função de trabalho e assim por diante. A vida é binária, é a expressão da justiça e do desprendimento. Todos trabalham para a grandeza do todo.

A razão aí está também para descobrir essas coisas, e não para impedir a filtragem das leis do Criador.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XVIII, Cap. 873 – Sentimento da justiça.
– questão 0873, (João Nunes Maia)).
(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.